

RESENHA DE *FERNANDO PESSOA & HEGEL: O POETA & O FILÓSOFO*, DE WANDERLEY DIAS DA SILVA

REVIEW OF *FERNANDO PESSOA & HEGEL: O POETA & O FILÓSOFO*, BY WANDERLEY DIAS DA SILVA

*Mário João Correia*¹



Fernando Pessoa & Hegel: O Poeta & o Filósofo é uma proposta ambiciosa de encontrar uma explicação cabal para a unidade dramática formada pelos heterónimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis a partir de uma leitura dialética hegeliana. Trata-se do primeiro de dois volumes (o segundo é prometido pelo autor ao longo da sua exposição) onde Wanderley Dias da Silva consegue, talvez não inteiramente de um modo intencional, cumprir dois propósitos: de modo direto e incisivo, encontra na **Fenomenologia do Espírito** (1807) uma chave de leitura para o jogo heteronímico; de modo indireto, não sabemos se intencional, acaba por clarificar a dinâmica das figuras do espírito hegelianas, nos seus vários círculos concêntricos, através da sua aplicação aos heterónimos. Procuraremos nesta resenha dar a entender como o faz, os méritos deste feito e, pressupondo já que se trata de um trabalho extremamente bem articulado, apontar desafios e possíveis dificuldades de coerência.

Em primeiro lugar, é importante fazer uma nota sobre os conhecimentos filosóficos de Pessoa. São mais as dúvidas do que as certezas no que diz respeito ao conhecimento direto ou indireto que teria da obra de Hegel. Como aponta o autor em nota (2024, p. 221, nota 10), dada a inexistência de

obras de Hegel na biblioteca pessoal de Fernando Pessoa, é plausível pensar que esse conhecimento proviesse da leitura de enciclopédias filosóficas ou de leituras indiretas em geral. Contudo, e até tendo em conta a centralidade dada às afirmações presentes no artigo **A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico** (Pessoa, 1912), como veremos, talvez fosse possível procurar uma relação indireta com o pensamento de Hegel por via da poesia oitocentista. Não nos referimos apenas às **Odes modernas** de Antero de Quental (1865), mas também a poetas oitocentistas que fazem uso, mais ou menos livremente, de elementos filosóficos retirados de Hegel e de outros autores do idealismo alemão, alguns deles interpretados por Pessoa nesse mesmo artigo. Uma outra fonte indireta que poderia ser importante explorar seria Helena Blavatsky, cuja tradução (da mão de Fernando Pessoa) de **A voz do silêncio** (1889) é referida neste trabalho, e que de facto discute e utiliza doutrinas de Hegel em **A Doutrina Secreta** (1888), entre outros trabalhos.

Seja como for, Wanderley Dias da Silva não se limita a explorar os diversos momentos da obra pessoana em que Hegel é mencionado, o que já não seria pouco. Não se limita, também, a identificar e interpretar os temas hegelianos na sua obra, em especial, a consciência infeliz, a dialética e a negatividade, como tem sido apanágio de alguns exegetas mais filosóficos de Pessoa, em particular Diogo Ferrer e Eduardo Lourenço, longamente discutidos neste livro. Faz tudo isso, mas faz mais do que isso. O seu projeto de leitura dos três principais heterónimos de Pessoa é bem mais arrojado: encontrar a unidade — o drama-total do drama-em-gente, como afirma, partindo da famosa carta a Casais Monteiro (Pessoa, 1986 [1935], p. 199) — dos três heterónimos na dialética das figuras da consciência tal como são apresentadas na **Fenomenologia do Espírito**.

Para levar avante a sua proposta de leitura, por um lado, serve-se de duas intuições de Paulo Tunhas, a saber, o facto de Pessoa, com a explicitação do jogo heteronímico, “acentuar o carácter operatório da poesia e a exigência da contemplação segunda” (Tunhas, 2006, p. 41); e a interpretação do semi-heterónimo Bernardo Soares como um “póstumo epígono, e, ao mesmo tempo, um leitor médio que, por ele solicitado, fosse capaz de se situar num primeiro plano de contemplação à sua obra” (Tunhas, 2006, p. 43).

Por outro lado, houve necessidade de dedicar uma parte bastante significativa da sua exposição à questão da unidade da obra de Fernando Pessoa. De facto, uma das maiores virtudes deste livro é a longa discussão da posição de Eduardo Lourenço (2020 [1949-1982]; 2016) na matéria, procurando resgatar Fernando Pessoa de leituras que se tornaram canónicas segundo as quais estamos perante a fragmentação do eu, a sua desintegração, ou perante a ficcionalização da ficção do eu. O autor julga, justificadamente, quanto a nós, que se deve levar a sério a supramencionada carta a Casais Monteiro onde descreve o “dia triunfal” e o desdobramento dos três grandes heterónimos Caeiro, Reis e Campos. Não há motivo nenhum para não supor

uma operância de segundo grau — o drama-total — dos três heterónimos como momentos ou figuras de um todo se é o próprio Pessoa que aponta para essa operância. Por conseguinte, Wanderley Dias da Silva procura tornar clara, explícita, teoricamente coerente, a “impressão de totalidade” (Casais Monteiro, 1985, p. 87) já apontada por Casais Monteiro.

E tal como não há motivo para duvidar de uma autoproclamada unidade, também não o haverá para duvidar de um autoproclamado hegelianismo. De facto, no centro da hipótese do autor está a promessa do “Supra-Camões”, que seria o poeta capaz de superar “as duas formas menos complexas de transcendentalismo” (Pessoa, 1912, p. 191) existentes até então: o poeta espiritualista e o poeta materialista, fatalmente pessimistas, seriam superados pelo poeta que finalmente atingisse o Transcendente enquanto contraditório. Vale a pena citar a secção de “A nova poesia portuguesa...” que se encontra no cerne da leitura hegeliana proposta pelo autor:

Um outro sistema pode, porém, surgir, limite e cúpula da metafísica. Suponha-se que a um transcendentalista qualquer esta objeção se faz: O Aparente (matéria e espírito) é para vós *irreal*, é uma manifestação irreal do Real. Como, porém, pode o Real manifestar-se irrealmente? Para que o irreal seja irreal é preciso que seja real: portanto o Aparente é uma *realidade irreal*, ou uma *irrealidade real* — uma contradição realizada. O Transcendente pois é e não é ao mesmo tempo, existe à parte e não à parte da sua manifestação, é real e não-real nessa manifestação. — Vê-se que este sistema é, não o materialismo nem o espiritualismo, mas sim o panteísmo, transcendentalizado; chamemos-lhe pois o transcendentalismo *panteísta*. Há dele um exemplo único e eterno. É essa catedral do pensamento — a filosofia de Hegel.

[...] Logo no vestibulo da investigação nos aparece a característica *contradição* deste sistema. «Materialização do espírito», e «espiritualização da matéria», «choupos d'alma», quedas que são ascensões, folhas que tombam que são almas que sobem — não é preciso mais, repetimos. Eis, em seu pleno estado emotivo, o transcendentalismo panteísta. Quanto mais se analisa, mais claramente isto se revela. Para os nossos novos poetas, uma pedra é, ao mesmo tempo, realmente uma pedra e realmente um espírito, isto é, irrealmente uma pedra... Mas para que continuar? A evidência de certas provas, quando o que fica provado traz consigo tudo em que pusemos a nossa esperança e a nossa fé, embriaga de alegria para além de se poder ficar com a lucidez intacta e o poder de exprimir em equilíbrio.

E quais são, enfim, as conclusões últimas de quanto neste artigo expusemos? São aquelas em que através de todos os nossos artigos temos insistido. Se a alma portuguesa, representada pelos seus poetas, encarna neste momento a alma recém-nada da futura civilização europeia, é que essa futura civilização europeia será uma civilização lusitana. Primeiro, porém, consoante todas as analogias no-lo impõem, a alma portuguesa atingirá em poesia o grau correspondente à altura a que em filosofia já está erguida. (Pessoa, 1912, pp. 189-191)

É justamente partindo da promessa pessoal de um poeta que erguerá em poesia aquilo que já foi erguido por “um exemplo único e eterno” em filosofia, a saber, por Hegel, que Wanderley Dias da Silva se mostra legitimado a demonstrar de que modo a dialética Caetano-Campos-Reis (por esta ordem) corresponde à dialética das figuras da consciência na **Fenomenologia do Espírito**. A este exercício de correspondência, o autor convencionalmente chama “espelhamento” (Dias da Silva, 2024, *passim*.) e promete um segundo volume com um exercício completo de espelhamento, quase poema a poema, ao passo que neste primeiro lança as bases e os argumentos que o legitimam, por vezes exemplificando-o já. E que bases são estas?

Em primeiro lugar, a partir da metáfora da semente, do botão, da flor e do fruto (cf. Hegel, 2022 [1807], p. 35), propõe que é impossível compreender os heterónimos isoladamente, porque é na sua unidade que se encontra o seu sentido num drama-total, tal como numa planta não é possível isolar esses elementos para compreender todo o processo da planta. Em segundo lugar, atribui a cada um dos heterónimos um conjunto de figuras do espírito e mostra como o falhanço, ou a contradição interna dessas figuras clama, precisamente, pelo aparecimento de um outro heterónimo que o supere, isto é, aplica a famosa *Aufhebung* (supressão, ou sublimação, conforme as traduções) ao aparecimento dos heterónimos.

Em segundo lugar, dedicará palavras bastante acres a dois anti-hegelianismos nos estudos pessoais. O primeiro é o de João Gaspar Simões, que critica, não uma leitura hegeliana de Pessoa, mas o próprio hegelianismo de Pessoa. Simões é visto pelo autor como um dos principais responsáveis pelo facto de não ter havido nos estudos pessoais uma atenção maior à relação entre a poesia de Pessoa e a filosofia de Hegel, ao ter afirmado que a educação hegeliana de Pessoa o havia tornado num “idealista que teimava em não renunciar a uma concepção materialista do mundo” (Simões, 2017 [1950], p. 158). O segundo é personificado em Sandra Abdo, que procura afastar a poética de Pessoa do sistema hegeliano, apodado com termos como “fagocitante”, “totalizante” e afins (cf. Abdo, 2002). Wanderley Dias da Silva será bastante duro — o que é, de resto, expectável e legítimo, dado o seu próprio projeto exegético — a mostrar que quer Simões, quer Abdo, não compreendem o pensamento de Hegel.

Em terceiro, partindo dos trabalhos de Diogo Ferrer sobre a negatividade em Pessoa (cf. Ferrer, 2017; 2008), contrasta dois tipos de negatividade presentes em Fernando Pessoa. O primeiro é uma negatividade absoluta, presente no **Fausto**, que conduz a uma aniquilação do sujeito. O segundo, que é o que importaria aqui, é uma negatividade simples, parte do processo de autorreconhecimento do sujeito, ou da consciência. Neste tipo de negatividade, Wanderley Dias da Silva considera que Ferrer intui corretamente que Caetano é o germe da negatividade, na medida em que produz a heteronímia por intermédio do seu desinteresse (por vezes, da sua recusa) de reconhecer-se como autoconsciência.

Posto isto, o autor propõe, com exemplos de excertos bastante elucidativos, que Alberto Caeiro é o mestre num sentido hegeliano. Sejam claros: Caeiro é o mestre, Campos é o escravo-próximo e Reis é o escravo-distante na dialética do senhor e do escravo. O mesmo jogo se pode encontrar em todos os círculos das figuras da consciência. O autor formula a sua chave de leitura do seguinte modo:

- (1) o drama-Caeiro reflete os vários primeiros momentos da dialeticidade da consciência (rumo ao saber verdadeiro), a *abstração*;
- (2) o drama-Campos representa os vários segundo momentos, o *dialético* ou *negativo*;
- (3) e o drama-Reis personifica os vários terceiros estágios dessa dialeticidade, o *especulativo*. (Dias da Silva, 2024, p. 31)

A centralidade de Campos, ou a intuição de que, nas palavras do autor, “o coitado do Álvaro de Campos” é o epicentro do drama, ou a dramaticidade do drama em si, é uma evidência nesta leitura. Campos funciona, na dialética do drama-total, como elemento mediador entre os extremos da pura abstração (Caeiro) e da especulação positivo-racional (Reis). Ele representa no drama-total o lugar da própria autoconsciência, a batalha pela autonomia, pela liberdade e pelo reconhecimento anterior à reconciliação da autoconsciência na consciência infeliz.

Por conseguinte, Wanderley Dias da Silva procurará demonstrar que este movimento triádico está espelhado nos poemas dos três heterónimos: o drama-Caeiro é o momento afirmativo, da consciência pura, da certeza sensível, do mestre, do estóico; o drama-Campos é o momento negativo, da autoconsciência, do escravo imediato, do cético; o drama-Reis é o momento da dupla negação (da negação da negação), do retorno da consciência a si própria, do escravo distante, da consciência infeliz. Deixamos aqui apenas um de muitos momentos do livro em que se ensaia este espelhamento entre o drama-total pessoano e o drama fenomenológico da consciência, para que o leitor fique com um vislumbre do que o espera:

Enfim, em tudo que o coitado do Álvaro de Campos vê, ouve, sente (e escreve) quando está desperto, descobre-se *autoconsciência absoluta* e, portanto, dupla negação. Ou, nas palavras do próprio heterônimo, ele descobre, quotidianamente, que tudo é «Rua a passear por mim a passear pela rua por mim / Tudo espelhos as lojas de cá dentro das lojas de lá».

Mas Álvaro de Campos descobre também, com tudo isto, que, invariavelmente, só nos tornamos autoconscientes através da alteridade, o retornar do outro, acima de tudo, através da relação interpessoal, individual, face a face com as dificuldades da descoberta da autonomia das coisas e dos outros, ou seja, o outrar-se e suas contradições. [...] No drama total, essa consciência da alteridade, a maldição da autoconsciência, o peso ontológico do outrar-se, o terror da presença do outro (que não deve ser confundido com o horror metafísico do outro sentido pelo *Fausto*, como veremos), o dilema do desejo do

autorreconhecimento, é o que separa Caeiro de Campos: o *mestre do servo imediato*, a essência simples da autoconsciência da autoconsciência *per se*, no caminho da alma.

E, neste sentido, haverá também ocasião propícia para entender porque Campos está correto em observar o distanciamento do outro servo, R. Reis (a *autoconsciência autônoma*, o servo distante). No drama total, Reis representa a síntese da consciência e da autoconsciência, a razão, simbolizada pelo servo que distancia-se do mestre, tornando-se consciência autônoma. (Dias da Silva, 2024, p. 75)

Reitere-se que o autor tem plena noção de que os heterónimos, ao serem sujeitos completos, não podem ser lidos apenas como três partes de uma consciência comum, ou seja, cada um deles tem o seu drama individual, o qual não poderia ser inteiramente explicado pela dialética interna à relação entre os três. Isso permitiria, talvez, explicar eventuais exceções ou instâncias que se constituíssem como contraexemplos a uma leitura dialética geral. O que nos parece, porém, mais problemático, é a possibilidade de esta leitura estar a forçar um espelhamento quase perfeito de dois dramas (o drama-total heteronímico e o drama fenomenológico da consciência), ou seja, a exigir dos poemas dos heterónimos uma coerência interna que eles simplesmente não foram feitos para ter. Parece-nos que é um pouco o que acontece quando, no capítulo 3, se procura fazer uma aproximação (muito bem feita, não é isso que está em causa) entre o paganismo de Pessoa e a filosofia de Hegel. Este apontamento não deve ser lido como uma crítica, mas como uma dúvida.

Para terminar, julgamos que o livro tem algumas partes mais bem conseguidas do que outras. O capítulo 2 é cristalino, quanto a nós o ponto forte do livro. A crítica a Eduardo Lourenço no que diz respeito à questão da unidade da obra de Pessoa no capítulo 4 é também muitíssimo bem conseguida. Já o recurso a William Desmond e a Vilém Flusser no capítulo 5 para retomar o problema da alteridade em Hegel, embora absolutamente legítimo, parece-nos um elemento um tanto heterogéneo relativamente ao conjunto do que foi exposto atrás. De qualquer forma, isso não retira em nada valor ao livro. **Fernando Pessoa & Hegel...** é uma proposta de leitura muito bem fundamentada, convincente, escrita de um modo claro. Aguardamos com grande expectativa o segundo volume.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, Sandra. **Fernando Pessoa: Poeta cético?**. Tese de doutorado apresentada na Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2002.

BLAVATSKY, Helena P. **A voz do silêncio**. Trad. Fernando Pessoa. 4ª ed. Brasília: Editora Teosófica, 2022.

CASAIIS MONTEIRO, Adolfo. **A poesia de Fernando Pessoa**. Lisboa: IN-CM, 1985.

FERRER, Diogo. Fernando Pessoa e a Consciência Infeliz. *In: Revista Filosófica de Coimbra*, nº 33, 2008, pp. 203-222.

FERRER, Diogo. Fernando Pessoa: Aproximação dialética e fenomenológica. *In: Ipseitas*, nº 3 (2), 2017, pp. 21-40.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. José Barata-Moura. Lisboa: Página a Página, 2022.

LOURENÇO, Eduardo. **Obra Completa IX: Pessoa revisitado e crítica pessoana (1949-1982)**. Ed. Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

LOURENÇO, Eduardo. Nietzsche e Pessoa. *In: B. Ryan et al. (eds.). Nietzsche e Pessoa: Ensaios*. Lisboa: Tinta da China, 2016.

PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa no seu aspecto psychologico. *In: A Águia*, nº 9, 11 e 12, set.-dez. 1912, pp. 86-94, 153-157 e 188-192.

PESSOA, Fernando. **Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas**. Intr., org. e notas de António Quadros. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986.

QUENTAL, Antero de. **Odes modernas**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa**. Lisboa: Dom Quixote, 2017.

TUNHAS, Paulo. Pessoa: Operações e contemplação. *In: Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, nº 3, 2006, pp. 39-43.

Recebido para avaliação em 03/07/2025.

Aprovado para publicação em 31/10/2025.

NOTA

Investigador do Instituto de Filosofia, Universidade do Porto, onde se doutorou em 2021 com a tese *De sufficientia praedicamentorum: suficiência e distinção das categorias na escolástica medieval*. Desenvolve um projeto (CEEC Individual, 4ª edição, FCT) intitulado “Taxonomies of Distinction in Iberian Scholasticism: Francisco Suárez, Pedro da Fonseca and Pedro Luis”. Membro da Sociedad de Filosofía Medieval e da Red Española de Metafísica. Co-editor da *Revista Española de Filosofía Medieval* e do boletim *online* IPM Monthly: Medieval Philosophy Today.